

# Unicamp, reitor à vista

**A história de como José Tadeu Jorge chegou ao campus da Unicamp num dia de chuva, em 1971, para ser eleito reitor 34 anos depois. A escolha final é do governador.**

EUSTÁQUIO GOMES  
eusta@unicamp.br

Tivesse mantido sua primeira opção no vestibular de 1970, José Tadeu Jorge seria hoje um engenheiro químico formado pela Universidade Federal de Uberlândia. Seria então muito provável que sua vida acadêmica passasse por caminhos distantes da Unicamp e da trajetória que culminou, há duas semanas, com sua indicação para o cargo máximo da universidade – o de reitor – com 82,85% dos votos de professores, estudantes e funcionários. Depois de examinar os resultados da consulta à comunidade, na qual Tadeu saiu vencedor nos três segmentos, o Conselho Universitário comporá uma lista triplíce que será encaminhada ao governador Geraldo Alckmin, a quem cabe a prerrogativa de escolher o nome de sua preferência. Além de Tadeu, constam da lista da comunidade o engenheiro mecânico Antonio Celso Arruda e o engenheiro elétrico Edson Moschim, que obtiveram respectivamente 12,67% e 4,74% na consulta à comunidade.

Em 1970, quando chegou o momento da inscrição para o vestibular, Tadeu estava em Araraquara e concluía o preparatório do Polivestibulares, cursinho que já nem existe mais. Embora o formulário do Mapofei – que na época realizava os vestibulares da USP, da Unicamp e de unidades isoladas que mais tarde integrariam a Unesp – oferecesse 15 opções possíveis, Tadeu cravou uma única opção: a do curso de engenharia química da USP São Carlos. Diante da estranheza dos professores, Tadeu argumentou que, além da USP São Carlos e da Politécnica (para a qual ele não queria ir), o Mapofei não oferecia nenhuma outra opção em engenharia química – o curso que desejava fazer. Tanto que, fora do âmbito do Mapofei, ele prestou também o exame da Universidade Federal de Uberlândia, que oferecia esse curso.

Interessado na aprovação de seus alunos, o cursinho propôs uma solução. Alguns dias depois Tadeu foi procurado pelo professor de química, Leopoldo, que lhe falou de um curso novo que havia sido instalado em uma universidade também nova, em Campinas. O curso era o de Engenharia de Alimentos – o primeiro da América Latina – e a universidade era a recém-fundada Unicamp. “Tem química nesse curso?”, perguntou Tadeu. “Tem química pra chuchu”, respondeu o professor mostrando a lista de disciplinas do curso. Tadeu preencheu a opção e em seguida viajou a Uberlândia para prestar o vestibular da Federal de lá. Gostou da cidade. Estava tão decidido a ficar que se hospedou em uma república enquanto esperava o resultado. Foi aprovado, levou trote e voltou careca para a casa dos pais, em Santa Adélia, sua cidade natal, usando uma boina uberlandense e uma camiseta da UFU. No meio das férias chegou o resultado de Campinas: ele havia passado em segunda opção na En-



Março de 2005 - Na noite de sua eleição para reitor com 82,59% dos votos, no Ginásio da Unicamp



1971 - A identidade estudantil do calouro da Unicamp José Tadeu Jorge



1973 - Sentados em latas, Tadeu (à direita) e colegas em aula improvisada; ao fundo, o professor José Luiz Vasconcelos Rocha



1976 - Recebendo das mãos do professor André Toselo o certificado de conclusão de curso

genharia de Alimentos.

Intimamente decidido, Tadeu considerou que Uberlândia atendia plenamente o sonho do garoto de Santa Adélia que, no curso científico do Instituto de Educação Bento de Azevedo, o IEBA, adorava misturar substâncias e só queria saber de química. Essa inclinação já tinha ficado patente no Grupo Escolar Dr. Luiz Dumont, onde fez o curso primário. No IEBA, Tadeu teve como colegas de classe pessoas que depois seriam seus colegas na Unicamp, como o engenheiro eletricista Edson Bin, o médico infectologista Fernando Gonzáles, o patologista Célia Garlip e o jornalista Marcus Vinicius Ozores. “Ele gostava de jogar futebol mas no resto do tempo livre só queria saber de jogar o *Químico Juvenil*, um brinquedo muito popular na época”, revelou Ozores ao *Jornal da Unicamp*.

Foi só confirmar a matrícula em Uberlândia para começar a pressão da família e dos amigos para que optasse por Campinas. Havia um trem que fazia a linha direta Campinas-Santa Adélia graças às ferrovias Araraquarense e Paulista – argumento de peso. A insistência foi tão grande que Tadeu veio ver Campinas e a tal da UEC, que era o nome da Unicamp na época. A universidade ainda era desconhecida até dos moradores da cidade. Tanto que, ao descer na estação ferroviária do centro de Campinas e consultar um guarda, este confundiu a UEC com a PUC e já o estava encaminhando ao prédio da rua Marechal Deodoro, onde funcionavam os cursos da atual Pontifícia, quando um segundo guarda o socorreu. Bem orientado, Tadeu tomou o ônibus laranja da Viação Bonavita com destino ao distrito de Barão Geraldo. “Peça ao cobrador para lhe avisar quando chegar ao balão de Barão”, disse o segundo guarda, “aí

você desce e faz dois quilômetros a pé”. Tudo teria dado certo se o cobrador do ônibus não se esquecesse de avisá-lo da chegada. Isso propiciou a Tadeu conhecer Paulínia – dez quilômetros adiante – onde tomou a refinaria pela universidade e pasmou com o tamanho da coisa.

Constatado o engano, voltou pelo mesmo ônibus e plantou-se no balão à espera de uma carona para o campus. “Peça carona”, tinha-lhe dito o cobrador, “o primeiro que passar com certeza pára”. Dito e feito: o primeiro que passou foi o professor de biologia Ernesto D’Ottaviano. Deixado no Ciclo Básico pelo professor D’Ottaviano, Tadeu orientou-se em meio aos canteiros de obras mas não encontrou ninguém que soubesse onde funcionava o curso de Engenharia de Alimentos. Disseram-lhe para seguir por uma trilha no meio do mato – o campus limitava a uns poucos prédios esparsos e separados por capoeiras – e informar-se no Serca, o serviço de registro de controle acadêmico mais tarde transformado na atual Diretoria Acadêmica (DAC). O incômodo não seria grande para um jovem de 18 anos não fosse o pé d’água que desabou no meio do caminho. Chegou ao Serca molhado até os ossos e lá tomou conhecimento, por um rapaz magro e solícito (Tadeu jura que se tratava do atual diretor da DAC, o já legendário Antonio Fagjani), de que o curso funcionava nas instalações do Instituto de Tecnologia de Alimentos, o Itai. Era portanto preciso retornar ao balão, tornar a pedir carona e voltar ao centro da cidade, de onde deveria tomar um ônibus até o Itai, que ficava (e fica) no final da avenida Brasil. Teve a sorte de ser deixado na porta pelo empregado de uma vidraria.

Durante quatro anos a Engenharia de Alimentos funcionou no Itai,

instituto criado pelo mesmo homem que organizaria e instalaria a Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA): o engenheiro agrônomo André Toselo, um dos pilares do projeto do reitor Zeferino Vaz. Impressionado com as excelentes instalações do Itai, Tadeu reformulou seus planos, matriculou-se imediatamente no curso e esqueceu Uberlândia. Instalou-se numa pensão que ficava na rua Padre Vieira, onde reinava dona Isaltina, no centro da cidade.

Contrariando a expectativa, Tadeu não teve uma única aula nas salas do Itai. O primeiro ano, o das matérias básicas, era todo dado no campus. Tadeu enumerava na ponta da língua os professores da época: biologia, Ernesto D’Ottaviano (o mesmo da primeira carona); cálculo, João Meyer, o Jôni; química, Mathieu Tubino, Francisco Pessine, Adalberto Bassi, José Salvador Barone, Cláudio Airoldi e Wolfgang; física, Armando Turtelli, Carlos Alberto Ferrari e Caticha Ellis; programação de computador, Nélcio Koike. Ocorre que no segundo ano Toselo brigou com o governo e decidiu não usar mais as instalações do Itai: a FEA deveria apressar a construção de suas instalações no campus. A mudança foi brusca e precoce: no início, os alunos tinham aulas praticamente ao ar livre. Só depois é que as salas de aula e os laboratórios foram se instalando.

No primeiro semestre do terceiro ano, foi de vital importância para Tadeu um fato que começou com uma aposta com um colega de classe, José Gilberto Jardine, e terminou com sua inserção num importante projeto de pesquisa do professor Toselo, diretor da faculdade. Jardine e Tadeu se propuseram o desafio de conseguir uma bolsa de iniciação

científica da Fapesp recorrendo aos dois professores mais exigentes da unidade: Paulo Bobbio e o próprio Toselo. Analisando o aluno por cima dos óculos, Toselo quis saber qual a média de Tadeu na disciplina que dava – matérias-primas agropecuárias. “Nove”, respondeu Tadeu. “Muito bem”, disse Toselo. E sem transição, perguntou: “O senhor sabe o que é soja?”.

Tadeu já ouvira falar em soja, mas não sabia muito bem o que era. Nessa época ainda não havia soja comercial em São Paulo, embora ela já fosse comercializada no Rio Grande do Sul e houvesse até uma pesquisa de melhoramento genético de soja no Instituto Agronômico de Campinas. Mas Toselo não tinha dúvidas: para ele, a soja seria um produto da maior importância para o país. “O senhor vai trabalhar com propriedades físicas da soja”, disse ao estudante. Elaborado o plano, quase imediatamente saiu a bolsa da Fapesp. A pesquisa com soja ocuparia Tadeu do terceiro ao quinto ano. Tanto seu mestrado quanto o doutorado gravitaram em torno da soja. A soja lhe trouxe também uma forte aproximação com Toselo. Terminado o curso em 1975, antes mesmo da colação de grau o diretor convidou-o para integrar o quadro docente de um departamento novo que estava sendo criado, o de Engenharia Agrícola, embrião da atual Faculdade de Engenharia Agrícola, a Feagri.

Nessa época a Unicamp ainda não estava institucionalizada e o quadro docente ia sendo formado de acordo com a escolha pessoal do dirigente, no caso o diretor e, em última análise, de Zeferino Vaz, o reitor. A partir daí os acontecimentos se aceleraram: apenas cinco meses após defender o doutorado, Tadeu chegava à chefia do novo departamento. No ano seguinte, 1982, candidatou-se à direção da faculdade e foi o primeiro da lista indicativa da comunidade da FEA. Ganhou mas não levou: talvez por sua juventude, acabou preferido pelo reitor da época, José Aristodemio Pinotti. O fato era normal na vida universitária brasileira de então, mas mesmo assim contribuiu para aguçar a idéia separatista que vinha prosperando no Departamento de Engenharia Agrícola. O próprio Tadeu foi encarregado de coordenar o projeto de criação e implantação da nova unidade, que finalmente foi instalada em 1985, na gestão do reitor Paulo Renato Souza. Dois anos depois, quando houve a primeira eleição para diretor, Tadeu foi eleito e, desta vez, nomeado.

O resto da história já é conhecido: professor livre-docente em 1992, professor adjunto em 1995, professor titular em 1996, diretor da Fundação de Desenvolvimento da Unicamp (Funcamp) de 1990 a 1992, chefe de gabinete do reitor Carlos Vogt de 1992 a 1994, pró-reitor de Desenvolvimento Universitário de 1994 a 1998 e novamente diretor da Feagri de 1999 a 2002, quando deixou o cargo para assumir a vice-reitoria na gestão de Carlos Henrique de Brito Cruz.

Casado com a matemática Gizele, Tadeu tem três filhos: a mais velha, Lillian, é bióloga com mestrado em microbiologia de alimentos pela Unicamp; Simone é formada em Enfermagem, também pela Unicamp; e Tiago faz publicidade e propagação pela PUC-Campinas. Um dos traços marcantes de Tadeu é a devoção pela camisa do São Paulo Futebol Clube, cujos jogos decisivos costuma acompanhar de corpo presente. Os que o conhecem de perto asseguram jamais tê-lo visto perder a calma, mesmo nas situações mais difíceis. Não há dúvida de que, nesse sentido, a Reitoria da Unicamp será um teste dos grandes.

## UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz.

Vice-reitor José Tadeu Jorge.

Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva.

Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho.

Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa.

Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

## JORNAL DA UNICAMP

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. Correspondência e sugestões: Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. Fax (0xx19) 3788-5133. Homepage: <http://www.unicamp.br/imprensa>. E-mail: [imprensa@unicamp.br](mailto:imprensa@unicamp.br). Coordenador de imprensa Eustáquio Gomes. Assessor Chefe Clayton Levy. Editor Alvaro Kassab. Redatores Antonio Roberto Fava, Carmo Gallo Netto, Isabel Gardenal, Jeverson Barbieri, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. Fotografia Antoninho Perri, Neldo Cantanti. Edição de Arte Oséas de Magalhães. Diagramação André Luis Amarantes Pedro, Luis Paulo Silva. Ilustração Phélix. Arquivo Antonio Scarpineti. Serviços Técnicos Dulcinéia B. de Souza, Edison Lara de Almeida e Hélio Costa Junior. Impressão Prisma Printer Gráfica e Editora Ltda (19) Fone/Fax: 3229-7171. Publicidade JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569. Assine o jornal on line: [www.unicamp.br/assinaj](http://www.unicamp.br/assinaj)